

QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO PERCURSO FORMATIVO DE BOLSISTAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

Amanda Emmanuele Paulus Machado¹
Eliane Gonçalves dos Santos²

RESUMO

Como parte da formação de sujeitos, aspectos que envolvem a constituição de homens e mulheres estão presentes em todos os contextos sociais. As questões de gênero e sexualidade perpassam os conteúdos escolares em aspectos biológicos, sociais e culturais. Índícios trazem que geralmente a matriz curricular dos cursos de Licenciatura, no Brasil, não apresentam disciplinas ou conteúdos específicos que abordem questões de gênero e sexualidade na Graduação, o que pode ocasionar uma falta de preparo para o planejamento de atividades com relação a abordagem desta temática, bem como um desinteresse social quanto à importância de levar estas questões para sala de aula. A presente investigação objetivou analisar planos de ensino elaborados por licenciandas e licenciandos da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, sobre o tema gênero e sexualidade. O material produzido foi analisado a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados sinalizam alguns equívocos quanto aos termos e metodologias para trabalhar com essa temática, uma vez que é visível uma limitada criatividade quanto às possibilidades de recursos e estratégias de ensino.

Palavras-chave: formação de professores; práticas pedagógicas; inclusão.

GENDER AND SEXUALITY ISSUES IN THE TRAINING COURSE OF SCHOLARSHIPS OF THE PEDAGOGICAL RESIDENCE PROGRAM IN THE AREA OF NATURAL SCIENCES AND THEIR TECHNOLOGIES

ABSTRACT

As part of the formation of subjects, aspects that involve the constitution of men and women are present in all social contexts. Issues of gender and sexuality permeate school content in biological, social, and cultural aspects. Evidence shows that generally, the curriculum of undergraduate courses in Brazil does not present specific subjects or content that address issues of gender and sexuality at the undergraduate level. This can lead to a lack of preparation for planning activities regarding the approach to this topic, as well as a lack of social interest in the importance of taking these issues to the classroom. The present investigation aimed to analyze teaching plans prepared by undergraduate students in the area of Natural Sciences and its Technologies, on the topic of gender and sexuality. The material produced was analyzed using Content Analysis. The results indicate some misunderstandings regarding the terms and methodologies for working with this theme since limited creativity is visible regarding the possibilities of resources and teaching strategies.

Keywords: teacher training; pedagogical practices; inclusion.

Submetido em: 11/11/2024

Aceito em: 7/3/2025

Publicado em: 14/3/2025

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Cerro Largo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0009-0006-7303-7789>

² Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Cerro Largo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8018-3331>

INTRODUÇÃO

Quando se trata de indivíduos em formação, as discussões sobre gênero e sexualidade ganham destaque em contextos como mídia, escola e família, gerando debates pertinentes para diferentes conjunturas, posto que esse movimento incentiva reflexões e sistematizações em várias esferas sociais. Da mesma forma, a escola desempenha um papel fundamental nesse processo, pois representa um espaço de aprendizado e socialização para os jovens (Ferreira; Silva Borba, 2021). O meio educacional pode, também, estimular o desenvolvimento e o entendimento da relevância dessas questões. Em relação à pluralidade de pessoas e argumentações presentes no âmbito escolar, Ribeiro *et al.* (2016, p. 78) ressaltam que:

[...] a escola ensina modos de ser e estar na sociedade, portanto, ensina sobre corpos, gêneros e sexualidades, e, ao assumir tais questões como parte do currículo, pode contribuir para a promoção, respeito e valorização da diversidade sexual e de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica; e, principalmente, para uma educação para a sexualidade.

Ao planejar aulas, entretanto, que incluam as questões voltadas para uma educação sobre gênero e sexualidade, com as devidas diligências éticas, responsáveis e afetivas relacionadas a esse tema, é possível encontrar alguns desafios,

[...] seja por desconhecimento da abordagem transversal da temática, seja por falta de formação dos e das estudantes de licenciatura, os quais se sentem desconfortáveis e despreparados e despreparadas para desenvolver um trabalho pedagógico, principalmente nos primeiros níveis de escolarização (Cordeiro; Santos, 2022, p. 4).

Do mesmo modo, para superação dos impasses em primeiro lugar é necessário considerar a clareza e domínio sobre os paradigmas que sustentam as práticas pedagógicas no planejamento escolar, uma vez que as rápidas mudanças sociais, econômicas, tecnológicas, políticas e culturais causam impactos generalizados na vida em sociedade e refletem na forma de ensinar e aprender (Roshier; Ghisleni, 2023). Assim, a escola vem sendo convocada a enfrentar as transformações que envolvem a dinâmica dos conteúdos ministrados e das práticas pedagógicas, principalmente com foco na faixa etária da adolescência, período que une a fase escolar ao processo subjetivo de grandes dúvidas (Muller, 2013).

Outro aspecto a ser considerado é a problemática da fragmentação na formação inicial dos licenciandos e licenciandas, que é, de certa forma, reforçada pelos documentos normativos (Gatti, 2010). Esta percepção intensifica-se quando, ao lidar com questões de gênero, sexualidade e diversidade na escola, as professoras e professores, muitas vezes, fazem uma abordagem moralizante, trazendo suas experiências e opiniões pessoais, sem apoio de conceitos científicos ou do próprio contexto (Hames; Kemp, 2019). Quanto a isso, Ferreira e Silva Borba (2021, p. 327) demonstram o cenário de despreparo como resultado de

uma formação voltada ao enfrentamento e à superação das ideias naturalizadas, ainda muito presentes no cotidiano, que se apoiam em fatores e condições biológicas ou físicas para justificar as diferenças e as desigualdades, bem como para impor padrões de comportamento, oprimindo todas as demais formas de ser e viver no mundo, que não seguem um modelo tradicional e normativo.

Juntamente com essas considerações, a falta de incentivo e interesse em abordar questões de gênero e sexualidade na escola reflete uma negligência em relação às transformações biopsicossociais dos alunos. Quando essas transformações não são abordadas de maneira adequada, elas podem levar ao adoecimento. Assim, é fundamental que esses temas sejam discutidos nos cursos de Graduação e integrados aos programas de ensino, como a Residência Pedagógica.

Com o intuito de contribuir na formação inicial de professoras e professores, o Programa de Residência Pedagógica (PRP),³ foi uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (Brasil, 2018), com finalidade de inserir licenciandas e licenciandos em uma escola de Educação Básica. Para participar do PRP um dos principais critérios é ter metade do curso de Licenciatura em andamento. O Programa foi instituído em 2018, sendo um trabalho colaborativo entre os/as residentes, professores/as preceptores/as das escolas e professores/as orientadores/as de Instituições de Ensino Superior (IES).

Nestas circunstâncias, o PRP compreende uma etapa para a construção de planos de ensino, e toda

a interação proporcionada pelo PRP também favorece reflexões acerca da prática pedagógica, a qual se faz importante para o professor entender como as suas ações estão contribuindo na formação de indivíduos críticos e reflexivos e a partir disso compreender a importância de desenvolver aulas dinâmicas e questionadoras que possibilitem a construção do conhecimento por meio da prática coletiva, esses processos de reflexão e de construção do conhecimento são estimulados a partir das vivências profissionais (Batista; Santos, 2024, p. 4).

Assim, o objetivo deste estudo é analisar os planejamentos de ensino elaborados pelos/as bolsistas do PRP Biologia, Física e Química sobre as formas de trabalhar a temática de gênero e sexualidade na Educação Básica.⁴

METODOLOGIA

O presente trabalho é proveniente de uma pesquisa qualitativa na área da educação (Lüdke; André, 2013), com recorte para a temática de gênero e sexualidade. Este estudo foi realizado com bolsistas que faziam parte da integração dos núcleos de Biologia, Física e Química do Programa de Residência Pedagógica (PRP/BFQ) da área de Ciências da Natureza de uma Instituição de Ensino Superior (IES), localizada no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da IES sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE nº 59654922.3.0000.5564.

Para a coleta de dados e material de análise foi feito uso de um questionário aplicado no momento inicial do encontro. Este questionário, composto por perguntas

³ A partir do ano de 2024, o PRP não será mais desenvolvido em decorrência da intenção do Ministério da Educação (MEC) em propor que este programa passe a ser Residência Docente, o qual terá como público-alvo os egressos dos cursos de Licenciatura.

⁴ Este artigo discorre e analisa uma intervenção com licenciandas e licenciandos que participaram da edição (2022-2024) do PRP Biologia, Química e Física de uma IES do Sul do Brasil.

abertas e fechadas, teve como objetivo principal enfatizar quais os conhecimentos e concepções dos bolsistas (residentes e preceptoras) sobre a temática de gênero e sexualidade e, ainda, traçar o perfil dos participantes.

Na sequência foi realizada uma entrevista coletiva, estabelecida pela configuração de Grupos Focais. De acordo com Gatti (2005), os Grupos Focais possibilitam a compreensão dos processos de construção da realidade por grupos sociais específicos, sendo uma técnica valiosa para investigar representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias predominantes em relação a um determinado tema. Esta forma de abordagem é especialmente eficaz quando a pesquisa trata de questões polêmicas, contraditórias ou de difícil discussão, uma vez que o formato grupal permite que os participantes reafirmem ou revisem suas concepções sobre o assunto, enriquecendo o debate e proporcionando uma reflexão coletiva (Gatti, 2005).

A atividade nos Grupos Focais foi denominada de Oficina Pedagógica, a qual teve como objetivo desenvolver com os participantes alguns conceitos sobre as diferentes orientações sexuais que fogem do padrão heteronormativo (gays, lésbicas e bissexuais) e a problematização das representações de gênero, bem como suas consequências para as desigualdades entre homens e mulheres, com ênfase na violência contra o gênero feminino. Por último, em concordância ou não com o que foi visto durante a manhã, os participantes foram instruídos a construir modelos de planos de ensino visando à possibilidade de incluir a temática no Ensino de Ciências.

Neste sentido, os participantes reuniram-se em grupos e construíram quatro planos de ensino voltados para o 8º ano do Ensino Fundamental, os quais serão analisados nesta pesquisa. Os planos de ensino precisavam contemplar um tema de aula, objetivo, materiais utilizados, metodologia, discussões e conceitos a serem abordados. Participaram do estudo 16 integrantes do PRP/BFQ, mas da construção dos planejamentos apenas os bolsistas.

O processo de análise dos dados compreende as fases distintas da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação. No primeiro momento realizamos a pré-análise, em que ocorreu o primeiro olhar para os planos de ensino a partir da leitura flutuante, etapa fundamental para escolher o que irá compor o *corpus* da pesquisa. Por meio disto é possível a construção das categorias que podem emergir *a priori* ou *a posteriori*.

Desta forma, os planos de ensino oriundos desta atividade foram organizados para a categorização a partir das unidades de registro presentes nos documentos analisados, conforme mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Organização dos planos de aula

Etapa	Unidades de Registro (UR)	Frequência
Objetivos	Ministrar aula	01:04
	Discutir a temática	02:04
	Reconhecer a importância	01:04
	Analisar filmes	02:04
Metodologia	Sistematização com Kahoot	01:04
	Debate coletivo	01:04
	Palestra com alguém da área	01:04
	Cine debate	02:04
Discussão	Conhecimentos iniciais	02:04
	Saúde	03:04
	Questionamentos pelos alunos	01:04
	Escritas	01:04
Conceitos	Gênero e sexualidade	04:04
	Saúde pública	02:04
	Métodos contraceptivos	02:04
	Infecções Sexualmente Transmissíveis	02:04

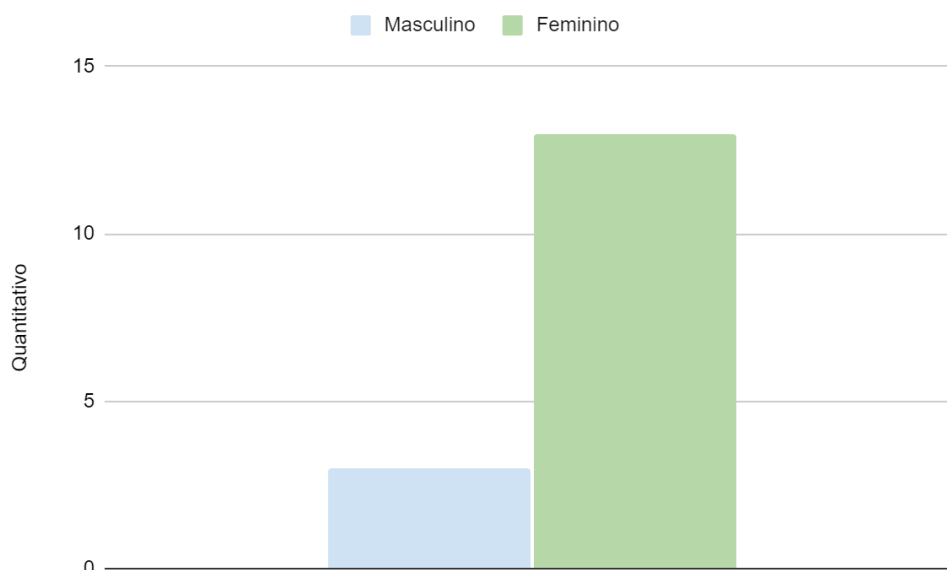
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A partir desta divisão e análise dos planos de ensino, foram organizadas as categorias: i) Principais conceitos para abordar a temática gênero e sexualidade no Ensino de Ciências; e ii) “Metodologias empregadas pelos futuros professores para um trabalho responsável com a temática”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PRP/BFQ contava com 19 bolsistas de dois cursos de Licenciatura: 1) Ciências Biológicas; e 2) Química. A dinâmica foi aplicada para 12 residentes que estavam presentes no dia e 4 professoras preceptoras, totalizando 16 pessoas na participação geral da pesquisa. As informações solicitadas nos questionários para traçar o perfil dos participantes foram articuladas de acordo com a proposição de coleta de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Neste sentido, a Figura 1 representa a prevalência de identificação do feminino e do masculino por meio do sexo dos participantes.

Figura 1 – Categorização do sexo dos participantes



Fonte: As autoras (2024).

Por conseguinte, dos residentes participantes dez eram do curso de Ciências Biológicas, e dois do curso de Química. Neste terceiro módulo do PRP/BFQ não havia, nos núcleos, residentes do curso de Física. Ainda, foi perceptível uma variação nas idades correspondentes entre os indivíduos de 21 e 25 anos de idade, enquanto a relação da fase do curso é firmada entre 12 pessoas cursando a oitava e 1 na décima fase dos cursos.

Quanto à caracterização das preceptoras, a faixa etária das 4 professoras está entre 40 e 50 anos de idade. Em se tratando de carga horária, 3 ministram a disciplina de Biologia no Ensino Médio enquanto 1 ministra Biologia e Ciências no Ensino Fundamental, mas isso não exclui a possibilidade de trabalharem com outros componentes curriculares da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Cada preceptora ministra 40 horas/aula na escola de atuação e possuem Especializações voltadas para o Ensino de Ciências e/ou Gestão Escolar.

Este contexto de caracterização de indivíduos em pesquisas relacionadas à Licenciatura e temáticas que envolvem questões de gênero e sexualidade é importante, uma vez que, principalmente em questionários, a disparidade entre as respostas e a participação das pessoas identificadas como do sexo feminino e do sexo masculino é visível. Este indício pode estar relacionado ao fato de que as mulheres constituem a maioria nos cursos voltados para a educação, ocupando mais estes espaços formativos (Cordeiro; Santos, 2022).

Os planos de ensino produzidos não foram enumerados ou divididos em decorrência de a grande maioria ter contemplado os objetivos em forma de tópicos. Deste modo, iremos discorrer de acordo com a forma que foram apresentados, sem especificar ou quantificar a utilização dos planos por categoria. A seguir estão representadas as categorias emergentes deste estudo.

I) Principais conceitos para abordar a temática gênero e sexualidade no Ensino de Ciências

Esta categoria discute sobre os conceitos que podem ser atrelados à temática de gênero e sexualidade para contemplar um Ensino de Ciências acolhedor quanto à subjetividade. Com isto, o primeiro aspecto que chama atenção é o que envolve o conceito de *“desigualdade de gênero”*. É evidente que a desigualdade de gênero abrange homens e mulheres, e suas consequências podem ser expressas de diferentes formas, como violência doméstica, psicológica, física, moral, patrimonial, sexual, tráfico de mulheres, assédio sexual, dentre outras. Em um ambiente universitário e, principalmente em contexto de Licenciatura, é pertinente a preocupação quanto a esta questão, porque em todos os espaços relacionais ela pode ser reproduzida, atingindo, principalmente, pessoas do sexo feminino.

Com pensamento análogo, Furlin, Tessaro e Bido (2024, p. 3) asseveram que “em uma sociedade que ainda carrega as marcas do patriarcado, a violência de gênero em todas as suas formas é um fenômeno que tem atingido mulheres de diferentes classes sociais, origens, idades, regiões, estados civis, escolaridade, etnias e, até mesmo, a orientação sexual”. Assim, na escola devem ser preocupantes as dicotomias e as polarizações que atravessam a construção do conhecimento científico e as representações de gênero naturalizadas em nossa sociedade (Heerdt; Batista, 2017). De acordo com Xavier e Dias (2023), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o assunto da sexualidade deve ser trabalhado somente na disciplina de Ciências, no 8º ano do Ensino Fundamental, não havendo nenhuma orientação para o Ensino Médio.

Nestes indícios, o currículo escolar pouco aborda as questões que diferenciam gênero, sexualidades e corpos (Leite; Meirelles, 2021). No Ensino de Ciências, todavia, o conhecimento científico acerca de gênero e sexualidade também pode fazer parte de um conjunto transversal de valores trazido por indivíduos com subjetividades, e estes processos podem interferir na construção das condutas físicas, mentais e sociais (Heerdt; Batista, 2017). Além do mais, é esperado que faça parte da prática docente de professoras e professores lutar por promover espaços com equidade e compreensão, valorizando e acolhendo as diferenças.

Em concordância com os pressupostos, o conceito *“machismo”* também aparece como pertinente para a discussão em sala de aula. A *“desigualdade de gênero”*, entretanto, pode ser vista como uma consequência desse termo e vir à tona, fortificando os debates.

Partindo para uma expressão conteudista, o termo *“Métodos contraceptivos”* é retratado como um caminho para o trabalho com gênero e sexualidade. Ademais, para o Ensino de Ciências abordagens anatômicas, fisiológicas e médico-higienistas podem sustentar o discurso de um corpo biologicamente estável (Trivelato, 2005). Ainda nesta linha da discussão, o termo *“Saúde pública”* é essencial para a democratização da justificativa de se trabalhar com gênero e sexualidade na escola. Com as diferentes demandas empregadas por este tema, pode-se afirmar que, conjuntamente, é parte dos modelos de educação em saúde. Xavier e Dias (2023, p. 121) relatam esta ideia em torno de que

[...] não se pode mais aceitar que essas questões sejam responsabilidades exclusivas das mulheres, portanto, compartilhar e trabalhar esses temas em sala de aula é fundamental, é tratar também sobre a saúde do indivíduo, assim como da saúde pública, fornecendo aparatos para que as pessoas possam fazer suas escolhas.

Tal entendimento perpetua a associação entre sexualidade e reprodução, trazendo uma expressão biológica que define características anatômicas e funcionais do sistema reprodutivo (Batista; Silva, 2022). A expressão *“Infecções Sexualmente Transmissíveis”* também aparece nesta ocasião, e Moraes, Guimarães e Menezes (2021, p. 143) expõem que todo este conjunto de questões devem ser trabalhadas, porque

diante destas circunstâncias, considera-se que o foco restrito às questões fisiológicas, nas diferenças anatômicas entre homens e mulheres, na reprodução, modos de evitar as ISTS e na gravidez na adolescência, termina por desconsiderar demandas de adolescentes que podem estar relacionadas a outras questões. Esses conhecimentos são extremamente importantes, mas questões subjetivas, afetivas, como diversidades sexuais, gênero, ansiedades, curiosidades, entre outras que circundam o exercício da sexualidade também o são.

Além do mais, a sexualidade é inerente ao ser humano, e suas manifestações acompanham o indivíduo ao longo da vida, sendo passíveis de discussão nos mais diversos espaços sociais e, principalmente, na escola (Xavier; Dias, 2023). Isso reafirma a ideia de que, apesar de a visão biológica restringir e limitar a compreensão sobre o assunto, as questões subjetivas continuam a necessitar de atenção.

As evidências da importância de um trabalho ético com essa temática no Ensino de Ciências são reforçadas pelo aumento dos índices anteriormente citados, como a violência de gênero, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a gravidez não planejada na adolescência (Bortolozzi; Vilaça, 2020). Perceber que os/as residentes conseguem compreender que abordar esses temas envolve o conhecimento científico, social e afetivo, gera um sentimento de esperança de que a docência continue representando inspiração e compromisso com a inclusão desse tema em todos os níveis de ensino. A seguir será apresentada a segunda categoria, que descreve as metodologias indicadas nos planejamentos elaborados pelas/os bolsistas.

II) Metodologias empregadas pelos futuros professores para um trabalho responsável com a temática

Nesta categoria buscamos apresentar o resultado da análise das metodologias de ensino empregadas pelas e pelos bolsistas, relacionados às formas com que trabalhariam com gênero e sexualidade em suas práticas pedagógicas. Partindo do pressuposto de que o Ensino de Ciências ainda é apresentado de forma muito técnica e naturalista, também pode ser vinculado aos modelos das principais informações dos conteúdos colocados aos professores, sem que haja uma conexão com as relações socioculturais (Reis; Duarte; Sá Silva, 2019).

Nos planos de ensino foram estabelecidas algumas metodologias para estabelecimento da proposta de aula. Em um dos planejamentos essas são empregadas, como *“trazer um palestrante da área e, após, fazer uma dinâmica sobre o assunto abordado, também dando a possibilidade para os alunos realizarem perguntas de modo anônimo”*.

Nem sempre é possível convidar alguém do público externo de outras áreas para participar das aulas em decorrência da carga horária, do número de alunos e das questões burocráticas da escola. Então, a abordagem por meio de palestras pode ser considerada tradicional (porém, eficaz), uma vez que professoras e professores da área de Ensino de Ciências são capacitados para este tipo de discussão em sala de aula.

Apesar deste ponto de vista, “é preciso considerar que viemos de uma sucessão de equívocos ao trabalhar a temática sexualidade, dentre os quais destacamos: o silenciamento e/ou inadequação na abordagem do tema e um enfoque predominantemente biológico, desconsiderando questões sociais” (Xavier; Dias, 2023, p. 120). Assim, diante dessa abordagem, é fundamental ter um senso de responsabilidade para que o espaço educacional ofereça uma formação que instigue a criticidade, principalmente no que diz respeito à diversidade de gênero e sexualidade, às hierarquias e às desigualdades produzidas pelo sexismo, heteronormatividade e machismo (Ferreira; Silva Borba, 2021).

Além disso, outras propostas metodológicas surgem como alternativas para discutir sobre gênero e sexualidade, como “a realização de um cine debate sobre o filme *Clube de Compra Dallas*”. Rudek, Santos e Hermel (2019) lecionam que os filmes podem ser um recurso pedagógico, pois potencializam o aprendizado e novas formas de pensar sobre diferentes assuntos. Destarte, o cine debate, nesse contexto, torna-se uma prática pedagógica que viabiliza discussões de diferentes momentos e particularidades com o filme. Além de fornecer ações educativas em saúde, possibilita a compreensão de um processo real do conhecimento, por meio de momentos vividos no cotidiano de cada indivíduo em sua particularidade (Lima; Santos; Silvestre, 2018).

É pertinente destacar que o filme *Clube de Compra Dallas* pode ser utilizado para trabalhar com questões relacionadas a gênero e sexualidade por seu enredo, e o personagem principal

se constitui como a figura do Anti-herói, visto sua vida desregrada com apostas em montarias de touros, drogas e sexo sem proteção; além de seu comportamento tipicamente sulista conservadora. Nesse período de 1985, a AIDS está em expansão no qual é associada a uma doença exclusiva de homossexuais e pouco se conhece sobre o assunto (Bigler, 2016, p. 5).

Outra proposição é “*Trabalhar com modelos de corpo humano*”, porém quando se apresenta este conteúdo em sala de aula é pertinente mostrar que o homem geralmente tem uma estatura física diferenciada da mulher por razões biológicas, mas que estes aspectos não interferem na capacidade intelectual de nenhum dos dois (Reis; Duarte; Sá Silva, 2019).

Os recursos tecnológicos digitais também expandem as oportunidades de abordar a temática gênero e sexualidade na prática docente, como exemplificado pelos/as residentes com a “Sistematização na plataforma Kahoot”. Nesse contexto, a área de Ciências deve permanecer inserida no debate sobre gênero e sexualidade para desconstruir ideias equivocadas que se escoram em conceitos científicos e pseudo-científicos, manipulados para favorecer determinada visão (Xavier; Dias, 2023). Deste modo, os procedimentos metodológicos empregados pelos/as bolsistas em seus planos de ensino demonstram a preocupação com atividades práticas para trabalhar com este tema, enquanto atividades de cunho teórico não se destacaram.

O trabalho com os planejamentos foi baseado nas ideias trazidas nos Grupos Focais, e tanto alguns termos quanto as propostas de atividades mostraram-se limitantes se comparados com o proposto e desenvolvido. Considerando um cenário de despreparo, os conceitos científicos e aportes teóricos são fundamentais, principalmente para problematizar os atributos socioculturais e reforçar o papel da escola quanto a essas demandas (Reis; Duarte; Sá-Silva, 2019). Por isso, é ideal que, no Ensino de Ciências, as questões de gênero e sexualidade andem junto com as práticas pedagógicas, englobando a cidadania e o respeito à diversidade sexual e de gênero.

CONCLUSÃO

O Ensino de Ciências é um campo privilegiado para abordar assuntos relacionados às questões de gênero e sexualidade. Apesar das diferentes metodologias de ensino para trabalhar com esta temática, as abordagens tradicionais ainda predominam, refletindo a limitação enraizada nas perspectivas biológicas e em discursos estereotipados. Em se tratando de sexualidade, o termo representa diversas manifestações presentes durante a vida e não se restringe a questões de teor sexual. Este estudo revela, entretanto, que, ao trabalhar com este tema, todos têm um ponto de partida, ainda que reproduzam as perspectivas habituais. Isso sinaliza que, em algum momento, há uma preocupação em trabalhar a temática, mas não de forma a ampliar os pontos de vista e pressupostos sobre o assunto.

Outro aspecto pertinente a considerar, é que os termos voltados à saúde são citados com maior frequência. A temática gênero e sexualidade tende a fazer parte dos modelos de Educação em Saúde, pois abrange os percursos biopsicossociais. A exploração de conteúdos, como ISTs, gravidez na adolescência e corpo humano, além de abrir espaço para temáticas emergentes, envolve uma diversificação de conceitos científicos e biológicos que contemplam a estrutura curricular. Nesse sentido, não podemos esquecer que a BNCC limita o trabalho com a sexualidade e exclui completamente as questões de identidade de gênero. Enquanto houver intencionalidade, contudo, a transversalidade inerente ao Ensino Fundamental permite que a disciplina de Ciências vá além de posturas prescritivas.

A relevância de integrar as questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professoras e professores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, está em sublinhar o papel de uma educação voltada para a transformação social. Planejar uma sequência de aulas voltada para a temática induz à reflexão, o que, muitas vezes, pode ser um movimento difícil, especialmente quando estamos imersos nas possíveis complicações que podem surgir em torno do tema. Dependendo do contexto, é preciso pensar não só nos alunos, mas também em como toda a comunidade escolar (interna e externa) pode interpretar as abordagens. Embora dados indiquem que a maior parte dos casos de violência sexual sofrida por crianças e adolescentes venham do núcleo familiar, há, junto da esperança de mudança, a insegurança quanto à reação deste mesmo ambiente em “culpar” as professoras e professores por pautarem discussões quanto a consentimento e sexualidade.

No contexto político atual do Brasil, há um incentivo quanto à visibilidade das questões relacionadas à autoafirmação, como identidade de gênero e a diversidade

sexual. Embora o assunto esteja cada vez mais presente nos debates, é fundamental que professoras e professores busquem preparo e iniciativas próprias para enfrentar essas demandas de forma crítica e sensível. A ausência de uma formação que aborde essas temáticas pode resultar em práticas pedagógicas que reforçam estereótipos de gênero e perpetuam narrativas excludentes, marginalizando identidades e orientações sexuais não normativas.

A formação inicial de professores é o momento ideal para aprofundar as discussões sobre gênero e sexualidade de maneira transversal e interdisciplinar, promovendo a compreensão de que esses aspectos são fundamentais para a construção de um ambiente escolar harmonioso e coerente. Ao focar na orientação sexual, observa-se que estudantes que fazem parte do movimento LGBTQIA+ enfrentam maiores desafios no ambiente educacional, como *bullying* e discriminação, o que pode impactar seu desempenho acadêmico e sua saúde mental. Ao capacitar futuros professores para lidar com essas questões, é possível fomentar uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize a diversidade, promovendo práticas educativas que respeitem as experiências e realidades dos estudantes.

Professores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias desempenham um papel central na desconstrução de visões biologizantes e deterministas, que historicamente reduziram gênero e sexualidade a questões estritamente biológicas. A partir de uma formação crítica que inclua esses temas, os docentes podem abordar a diversidade de gênero e sexualidade em suas aulas de maneira mais ampla e reflexiva, conectando os conteúdos científicos às realidades sociais e culturais dos alunos. Esse movimento não só enriquece os processos de ensino e aprendizagem, mas também contribui para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e preparados para viver em uma sociedade plural.

Contundentemente, ampliar os modelos que envolvem gênero e sexualidade dentro da formação inicial de professores e em programas dos governos que incentivem à docência, é crucial para a promoção de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Para estudantes de Licenciatura a formação inicial é a primeira influência para a qualidade do planejamento de aulas, e todas as oportunidades de constituição docente devem ser vistas como um caminho para o futuro.

Em suma, a inserção de discussões sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias é uma demanda urgente e necessária para a construção de uma educação comprometida com a equidade e o respeito às diferenças. Por conseguinte, as práticas pedagógicas ainda precisam ser mais exploradas dentro da área de Ensino de Ciências, principalmente em se tratando deste tema. Este estudo pode apontar para novas pesquisas, uma vez que é possível identificar algumas preocupações e despreparos para sensibilizar quanto à importância de trabalhar em sala de aula com estas questões que trazem e ampliam conceitos científicos e sociais para a formação crítica, reflexiva e afetiva dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, Tailine Penedo; SANTOS, Eliane Gonçalves. Residência pedagógica na e para formação inicial de professores de ciências. *REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, v. 12, p. e24003-e24003, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/15676/13341>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Portaria n.º 206*, de 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>.

BIGLER, Nikolas. Aids: discussões e reflexões universitárias. In: COLÓQUIO NACIONAL DE REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES, 11., 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anaais/conages/2015/TRABALHO_EV046_MD1_SA3_ID958_24042015005540.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

BATISTA, Iorana Raiane Costa; SILVA, Valdecy Margarida. Tensões e resistências: análise da abordagem de corpo, gênero e sexualidade nas aulas de ciências. *Revista de Iniciação à Docência*, v. 7, n. 1, p. 170-188, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rid/article/view/10699>. Acesso em: 20 set. 2024.

BORTOLOZZI, Ana Claudia; VILAÇA, Teresa. Educação sexual na educação inclusiva: atitudes de professores diante de situações projetivas envolvendo comportamentos sexuais de alunos. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. 1, p. 190-211, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11307>. Acesso em: 20 set. 2024.

CORDEIRO, Thamires Luana; SANTOS, Eliane Gonçalves dos. Formação de professoras e professores de ciências da natureza e as questões de gênero e sexualidade. *Revista Prática Docente*, v. 7, n. 3, p. 22079-2300, 2022. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/218>. Acesso em: 20 set. 2024.

FERREIRA, Senna, Luciane; SILVA BORBA, Jeandro. A transversalidade da diversidade de gênero e sexualidade na educação em saúde: relato de um projeto de extensão. *Em Extensão*, v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/54896>. Acesso em: 20 set. 2024.

FURLIN, Neiva; TESSARO, Mônica; BIDO, Eloísa. Violência de gênero contra as mulheres em universidades: análise da produção científica. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí: Editora Unijuí, v. 39, n. 121, p. 1-19, 20 fev. 2024. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13870>. Acesso em: 20 set. 2024.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, v. 31, p. 1355-1379, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp-4QMt9M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

IBGE. *Questionários 2022*. Disponível em: <https://anda.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>. Acesso em: 14 mar. 2025.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Representações sociais de ciência e gênero no ensino de Ciências. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 3, p. 995-1012, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10317>. Acesso em: 20 set. 2024.

HAMES, Clarines; KEMP, Adriana Toso. Diversidade de gênero e sexualidade no processo formativo docente. *Revista Insignare Scientia – RIS*, v. 2, n. 1, p. 67-74, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/10664>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEITE, Vinicius Souza Magalhães; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: controvérsias no PCN e na BNCC? *Revista Teias*, v. 22, n. especial, p. 28-47, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v22nespecial/1982-0305-teias-22-spe-0028.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

LIMA, Claudia Moreira; SANTOS, Sibely; SILVESTRE, Grasiela Cristina Silva Botelho. Cinema e promoção da saúde: experiência com cine-debate. *Humanas Sociais & Aplicadas*, v. 8, n. 22, 2018. Disponível em: https://www.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1257/104. Acesso em: 20 set. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MORAIS, Nívea Aparecida Alves; GUIMARÃES, Zara Faria Sobrinha; MENEZES, João Paulo Cunha. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, p. 135-156, 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/395>. Acesso em: 20 set. 2024.

MULLER, Laura. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais*. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; VILAÇA, Teresa. O ensino de biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. *Revista Bio-Grafia Escritos Sobre La Biología y Su Enseñanza*, v. 9, n. 16, p. 77-86, 2016. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/4500>. Acesso em: 20 set. 2024.

REIS, Hellen José Daiane Alves; DUARTE, Marcos Felipe Silva; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Os temas “corpo humano”, “gênero” e “sexualidade” em livros didáticos de ciências do Ensino Fundamental. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 24, n. 1, p. 223-238, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/201016399.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

ROSIER, Mariangela Oliveira Lago; GHISLENI, Ana Cristina. Práticas pedagógicas inovadoras: enunciados a partir dos diferentes protagonismos no processo educativo. *Diálogos e Diversidade*, v. 3, p. e16996, 2023. Disponível em: https://osni_edfisica+_Rosier+e+Guieleni.

RUDEK, Karine; SANTOS, Eliane Gonçalves; HERMEL, Erica do Espírito Santo. Análise fílmica de “Preciosa” e “Maus hábitos”: possíveis discussões de saúde no ensino de ciências. *Educação e linguagem*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270208089.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

TRIVELATO, Sílvia Luzia Frateschi. *Que corpo/ser humano habita nossas escolas*. Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: EDUFF, p. 121-130, 2005.

XAVIER, Mariana Nô; DIAS, Viviane Borges. Gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: uma análise da BNCC. *Com a Palavra, o Professor*, v. 8, n. 21, p. 107-130, 2023. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/807>. Acesso em: 20 set. 2024.

Autor correspondente

Eliane Gonçalves dos Santos

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Av. Jacob Reinaldo Haupenthal, 1580 – Bairro São Pedro

Cerro Largo/RS, Brasil. CEP 97900-000

eliane.santos@uffs.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

